



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10 – Informação e Memória

TÍTULO: INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: O CARIRI CEARENSE EM PAUTA

TITLE IN ENGLISH: INFORMATION, MEMORY AND HERITAGE: THE CARIRI CEARENSE ON THE AGENDA

Débora Adriano Sampaio¹, José Mauro Matheus Loureiro², Derek Warwick da Silva Tavares³

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O presente trabalho apresenta uma revisão de literatura como parte da discussão teórica que se desenvolve por ocasião do projeto de tese de doutorado. Tem como objetivo discutir sobre as redes de associações constituintes das práticas e discursos que conformam “Memória social” e “Patrimônio Cultural” na região do Cariri cearense, privilegiando seus aspectos informacionais. Para tanto, o tema será abordado em uma perspectiva “construtivista radical” – em oposição a um “construtivismo social” de influência *durkheimniana* – inspirada nos desenvolvimentos recentes da chamada “Teoria

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (2011). Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (2006). Professora adjunta I do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri, atuando no setor de estudos "Organização e Tratamento da Informação". Desenvolve estudos e pesquisas sobre as seguintes temáticas: organização, representação da informação e do conhecimento, memória, patrimônio e identidade cultural.

² Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1980), Mestrado (1996) e Doutorado (2000) em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e estágio Pós-Doutoral em Antropologia Social (PPGAS/MN/UFRJ). Atualmente é Professor Associado III da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência na área de Ciência da Informação atuando principalmente nos temas informação, memória, ciência e cultura material.

³ Professor do Instituto de Ciência da Informação - ICI/UFBA. Coordenador do Colegiado do Curso de Arquivologia diurno. Doutorando em Ciência da Informação - PPGCI/UFPB. Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB). Bacharel em Arquivologia e Licenciado em História pela Universidade Federal da Paraíba.

Ator-Rede”, que se apresenta como possibilidade “metodológica”, permitindo um olhar transversal à inter-relação informação/memória social/patrimônio cultural, considerando o contexto teórico amplo, complexo e multifacetado em que se apresentam. Produzir-se-á, desse modo, uma cartografia dos atores envolvidos na constituição dos chamados “aspectos informacionais” neste contexto específico, na tentativa de prover um diálogo e possível incorporação das premissas do “construtivismo radical” nas análises e pesquisas da Ciência da Informação, considerando os conceitos e relações sobre memória e patrimônio. Compreendemos as implicações e desafios trazidos por tais discussões para os horizontes analíticos e metodológicos dos temas e abordagens desenvolvidas no interior da Ciência da Informação, uma vez que buscamos novos sentidos e significados que podem ser conferidos sob a perspectiva da “Teoria Ator-Rede”.

Palavras-chave: Informação. Memória social. Patrimônio cultural. Cariri cearense. Teoria Ator-Rede.

Abstract: *This paper presents a literature review as part of the theoretical discussion that develops during the doctoral thesis project. It aims to discuss the constituent associations of networks of practices and discourses that make “social memory” and “Cultural Heritage” in Ceará Cariri region, focusing its informational aspects. Therefore, the issue will be addressed in a “radical constructivist” approach - as opposed to a “social constructivism” of durkheimniana inspiration - inspired by the recent developments of the “Actor-Network Theory”, which is presented as a possibility “methodological”, allowing a cross look on interrelation information / social memory / cultural heritage, considering the broad theoretical context, complex and multifaceted in which they appear. It will produce thus a map of the actors involved in the formation of so-called “informational aspects” in this particular context, in an attempt to provide a dialogue and possible incorporation of the premises of “radical constructivism” in the analysis and research of Information Science considering the concepts and relations of memory and heritage. We understand the implications and challenges brought by such discussions for analytical and methodological horizons of themes and approaches developed within the Information Science, as we seek new meanings that can be given in view of the “Actor-Network Theory”.*

Keywords: *Information. Social memory. Cultural heritage. Cariri Cearense. Actor-Network Theory.*

1 INTRODUÇÃO

A discussão apresentada a seguir constitui-se os passos iniciais de pesquisa relacionada aos quadros da memória social e do patrimônio cultural construído e vivenciado pelos grupos sociais da Região do Cariri cearense. Com um histórico de calamidades de origem climática, o estado do Ceará apresentou durante décadas inexpressivo crescimento econômico, desenvolvimento sociocultural e industrialização técnica. A maior parte do território cearense situa-se no que se convencionou denominar de “polígono das secas”⁴; região de semiárido com vegetação de caatinga. O Cariri localiza-se no Sul do Ceará em uma região marginal ao semiárido caracterizada por um solo úmido e fértil. Essa particularidade contribuiu para o adensamento populacional desta parte do território (CORTEZ; CORTEZ;

⁴ Segundo Silva (2002, p. 81), o Ceará tem 93% de seu território contido no polígono da seca.

IRFFI, 2011). Estendendo-se por uma área de 6.342,3 km² compreende diversos municípios⁵. A cidade de Juazeiro do Norte, um dos maiores centros de religiosidade popular da América Latina, é considerada a principal cidade da região por sua importância econômica, cultural. A “memória local” e o patrimônio cultural encontram-se ali incorporados a diferentes manifestações sociais de caráter material e imaterial.

Diante das complexas e vastas perspectivas que conformam essas expressões socioculturais do Cariri cearense, objetivamos refletir sobre as redes de associações constituintes das práticas e discursos que congregam “Memória” e “Patrimônio Cultural” na região do Cariri cearense privilegiando seus aspectos informacionais. Para tanto, empregamos uma perspectiva “construtivista radical” – em oposição a um “construtivismo social” de influência *durkheimniana* – inspirada nos desenvolvimentos recentes da chamada “Teoria Ator-Rede”. Intenta-se, desse modo, produzir uma cartografia da constituição dos chamados “aspectos informacionais” neste contexto específico. Quanto aos possíveis instrumentos e técnicas para coleta de dados, é importante destacar que, por se tratar de uma pesquisa em andamento, serão discutidos e aplicados, a partir das necessidades identificadas posteriormente, considerando a complexidade do contexto em análise e a tramitação das etapas da pesquisa.

Neste sentido, procuramos acompanhar a emergência de novos horizontes de pesquisa delineando sua pertinência nos estudos e análises relacionados às dinâmicas, fluxos e artefatos informacionais. Consideramos, ainda, as implicações e desafios trazidos por tais abordagens para os horizontes analíticos e metodológicos dos temas e abordagens desenvolvidas no interior da Ciência da Informação.

2 A TEORIA ATOR-REDE: POSSIBILIDADES “METODOLÓGICAS”

O emprego da “Teoria Ator-Rede” (TAR)⁶ visa, inicialmente, estabelecer um diálogo e possível incorporação das premissas do “construtivismo radical” nas análises e pesquisas da Ciência da Informação. O progressivo desenvolvimento dessa Teoria origina-se no contexto de uma busca em compreender as formas de organização social da pesquisa que se encontram subjacentes à construção do saber científico. Essa proposta ganha força a partir da década de

⁵ Abaiara, Barbalha, Brejo Santo, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Porteiras e Santana do Cariri. Dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Plano de Desenvolvimento Rural, Sustentável e Solidário:** território Cariri. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio131.pdf>.

⁶ *Actor-Network Theory* (ANT).

70 do século passado, contando com a cooperação de diferentes áreas das ciências sociais as quais abordaram os problemas disciplinares e interdisciplinares da ciência moderna/contemporânea sob novas perspectivas⁷.

Tal perspectiva procura afastar-se de quase três séculos de hegemonia dos quadros cartesianos, positivistas e, principalmente, deterministas atribuídos ao experimento científico.⁸ Neste cenário, Bruno Latour, John Law e Michel Callon propõem uma ruptura com esse pensamento tradicional privilegiando o campo da descoberta como elemento que conceitua a natureza da racionalidade científica, sua objetividade, isto é, a prova e a verdade. As descobertas científicas não são mais tidas como eventos determinados por cientistas, porém, como consequência de um processo social que ocupa um lugar essencial nas explanações da constituição dos fatos científicos. Neste contexto, a ciência é compreendida como construção social cujo processo e resultados estão postos na estrutura social como as mais variadas ações humanas, comuns a qualquer atividade social e sujeitas aos interesses, contradições, subversões e caoticidade.

Com base nesses pressupostos foi desenvolvida no interior da Sociologia da Ciência e da Tecnologia, em meados da década 1980, a “Teoria Ator-Rede” (“*Actor-Network Theory*”-ANT), também conhecida como “Sociologia da Tradução” (LATOUR, 2005)⁹. A ANT compreende o conhecimento não dualista baseado na superação das distinções familiares como sujeito e objeto, observador e observado (SANTOS, 1987). Rompendo com as tradicionais relações binárias natureza/sociedade, âmbito de descoberta/âmbito de justificação, contexto/ conteúdo, núcleo/fronteira, essa vertente sociológica considera os conhecimentos técnico-científicos como fruto da heterogeneidade de interações sociais, processos e técnicas, tornando-se, desta forma, uma nova estratégia de conhecimento. Apreender esta perspectiva é uma atividade de desestruturação e descentração epistemológica motivado pelo que vem se chamando de “novas epistemologias” (DEMO, 2012).

A Teoria Ator-Rede (ANT) busca uma compreensão maior da complexidade das atividades em seus contextos de produção (LATOUR, 2000). A rede, contudo,

Não é constituída “apenas” de discursos, imagens representadas e/ou linguagem. Ela só pode ser desdobrada através dos objetos que ainda não encontraram seu lugar estabilizando-se, ou que simplesmente não possuem lugar nessa divisão tradicional, os híbridos. Essa tarefa parece, num primeiro momento, de difícil compreensão, pois

⁷ Diante de uma constante procura de uma aproximação das práticas científicas e das formas de organização social, contudo, da pesquisa, que permitam e auxiliam a apreensão do processamento da construção do saber, surgiu o campo dos Estudos Sociais da Ciência ou Estudos da Ciência.

⁸ De racionalismo, de univocidade, de concepção mecânica de mundo e, principalmente, da certeza que se transferia ao experimento científico.

⁹ Com os trabalhos de Bruno Latour, Michel Callon e John Law.

“nossa vida intelectual é decididamente mal construída” (GONZALES; BAUM, 2013, p. 146).

Nesta perspectiva, a rede é constituída por fluxos, conexões e permutas, apresentando sempre múltiplas entradas e saídas. Ali todos são atores, não só os humanos, mas também os não-humanos, já que não existe uma hierarquização entre os entes, que são produzidos e se produzem a cada momento. As múltiplas conexões produzidas possibilitam que um “feito” transforme-se em um “fato”¹⁰ favorecendo, assim, as multiplicidades. Essas últimas são descritas por Law (1999; 2002) a partir da noção de ‘fractal’ entendido como um objeto que ocupa “mais de uma, porém, menos do que muitas dimensões” do ‘real’. Mol (2007, p. 16), corroborando essa visão, esclarece que “[...] a multiplicidade implica que embora as realidades possam ocasionalmente colidir umas com as outras, noutras alturas, as várias performances de um objeto podem colaborar e mesmo depender umas das outras”. As redes se tecem, assim à medida que as relações são estabelecidas. Sujeitos e objetos exercem influências significativas uns sobre os outros no curso das ações sofrendo alterações em determinado tempo e espaço, perpetuando a troca de influências. Sob essa ótica destaca, ainda, o não reconhecimento da heterogeneidade como uma característica que tende a ser diferente entre aqueles que são e os que não são privilegiados (STAR, 1991), ignorando a desigualdade quanto à distribuição de oportunidades no contexto da sociedade (REED, 1997).

Sob este ponto de vista, não há um *locus* privilegiado para se discorrer sobre as coisas, as entradas e conexões que compõem os fatos são múltiplas, nada possui uma essência, um núcleo imutável. A rede é, portanto, a-centrada e sem forma pré-definida, já que poderá se configurar e se desconfigurar por meio de oscilações, fluxos, conexões e interações entre os atores e actantes¹¹. O foco é, portanto, a criação e manutenção de redes co-extensivas de humanos e não humanos que, no caso das ciências sociais, são identificados por seres humanos racionais, irracionais, objetos animados e inanimados.

Privilegiando o princípio da simetria¹² generalizada entre elementos que exercem influência mútua tem como consequência uma ontologia de muitas entradas e conexões estabelecendo uma multiplicidade de relações complexas. Advém daí sua importância tanto para os estudos das ciências sociais, quanto para estudos epistemológicos (LATOUR, 1996).

¹⁰ É importante destacar que as palavras ‘fato’ e ‘feito’, em francês, têm a mesma representação, “*fait*”.

¹¹ Uma vez que, em inglês, a palavra “actor” (ator) se limita a representar os humanos, Latour (2001) utiliza o termo “actant” (actante), tomado à semiótica, para incluir os elementos não-humanos na definição.

¹² A noção de simetria foi também apresentada por Latour e Woolgar (1997) como sendo a base moral de um estudo etnográfico feito em um laboratório, o qual eles afirmaram ser duas vezes simétrico: aplica-se ao verdadeiro e ao falso, esforça-se por reelaborar a construção da natureza e sociedade (LATOUR e WOOLGAR, 1997, p. 24).

A ANT considera que todos os seres, não somente humanos, podem estabelecer uns com para com os outros, influências recíprocas complexas e não lineares que constituem seu modo de ser e vir-a-ser: “os objetos a nossa volta nos constituem em rede, fazemos parte deles e eles de nós, merecendo exame crítico” (DEMO, 2012, p. 41). Há uma “dialética das entidades materiais”, isto é: os objetos possuem capacidade de atuação recíproca. Os atores são efeitos em rede, assumindo os atributos das entidades que incluem. Demo (2012, p. 45) reflete que:

os atores só emergem em rede; as entidades materiais em rede não são programadas; são estruturação própria da evolução natural, na qual todas as entidades – humanas e não humanas – participam igualitariamente: antes de ressaltar suas diferenças, é preciso observar seu destino comum.

O “ator” é uma entidade movida pela indeterminação radical, não podendo ser entendido como preso às estruturas fixas, porém agindo em desestruturas, desafiando, desta forma, o positivismo científico e apoiando-se sobre a dinâmica que lhe é peculiar (CALON, 1999). Nesse sentido, a ANT propõe que a “realidade” seja uma rede, inacabável e aberta, dinâmica e interativa de atores que se entrelaçam, se confrontam e confundem-se infinitamente. A ciência, portanto, sendo consequência dessa rede não deve se manifestar como um repertório de verdades finitas (DEMO, 2012).

Neste cenário, os objetos são percebidos como atores no pacto das entidades, juntamente com os humanos, estabelecendo uma ontologia onde a realidade é tomada como dinâmica complexa não linear em formação constante, cujos entes atuam em um ambiente recíproco, de forma igualitária, porém rival, formando e deformando outros objetos e a si mesmos. Law (2006) aponta, ainda, para uma dialética produtiva, sugerindo que os objetos se relacionam e se recriam na natureza, numa interação constante. O ser humano não é descartado é tão somente tomado como um “objeto” da natureza. A ANT torna questionável a perspectiva científica moderna, engendrando reações negativas de cientistas cujas posturas encontram base no positivismo acadêmico e, desta forma, provoca mudanças sobre a realidade, ou “o modo de captá-la cientificamente” (DEMO, 2012, p. 43).

A ANT objetiva interferir nas diferentes realidades do mundo na tentativa de fazer emergir a diferença, moldar novas realidades, buscar ferramentas para compreender o complexo e o indescritível. Para tanto, altera hábitos e desenvolve sensibilidades na busca por uma descentração metodológica, sensível ao complexo e evasivo, primando pela mobilidade para encontrar novas formas de ordenação da “realidade” a fim de reconhecer, recriar e desvendá-la.

Partindo das premissas de Foucault, Law (1999, p. 77) destaca que “embora a ação à distância seja o efeito de uma estratégia de ordenação de elementos, isso não implica a existência de uma estratégia consciente”; assim também, em qualquer momento, os elementos podem ser ordenados de outra forma, podendo todas as ordenações ser distintas. A existência de várias ordenações, não significa que existem vários centros de poder, mas uma descentração (LAW, 2006). A interdependência entre humanos e não humanos, por outro lado, reforça a percepção dos elementos constituintes da rede são heterogêneos e plurais, muito embora complementares, em sua configuração, caracterizando-a como complexa sem que ocorra a prevalência de um ou de outro.

Cada sujeito que compõe a rede constitui-se um ator que é, ao mesmo tempo, uma rede, pois é composto a partir das conexões e estabelece outras múltiplas conexões, além daquelas que já estão em foco. A partir dessa noção, a ANT propõe captar a realidade por intermédio de conexões que se fazem e refazem incessantemente por incontáveis mediadores, agentes humanos e não humanos, considerando a natureza heterogênea, os deslocamentos, incertezas, complexidades e resignificações que se encontram reagregados como um todo no curso de uma ação. O foco das construções e relações sociais unicamente do elemento ‘humano’ desloca-se dos estudos centrados unicamente no elemento ‘humano’ para o social enquanto fruto da interação dos sujeitos com as demais materialidades que constituem a “realidade” enfocando com igual atenção os elementos não humanos sob uma perspectiva heterogênea. Analisar esses elementos sob o crivo da ANT é um modo de tentar compreender por quais meios um fenômeno difuso e complexo, constituído de humanos e não humanos, torna-se uma rede (BLOOMFIELD; VURDUBAKIS, 1999).

A ANT permite perceber a realidade como uma teia de relações que faz e refaz seus componentes constantemente em uma estrutura assimétrica. Encontra-se presente nessa interrelação, a relacionalidade semiótica (uma rede cujos elementos definem e moldam o outro), a heterogeneidade (existem diferentes tipos de atores e actantes, humanos e não humanos) e a materialidade (coisas que existem em abundância, e não apenas no âmbito do “social”) (LAW, 2007). A noção de heterogeneidade, um dos conceitos fundamentais da ANT, aponta para “uma forma de sugerir que a sociedade, as organizações, os agentes e as máquinas são todos efeitos gerados em redes não somente de humanos, mas, também de não-humanos (LAW, 1992).

A descentração que caracteriza a ANT implica, também, em uma metodologia descentrada, evitando-se divisar em “realidades” ditas sociais propriedades exclusivas. Essa aspiração apresenta dificuldades em virtude de o conhecimento científico configurar-se um

produto humano e a “realidade” não ser entendida por ela mesma, mas sob observação humana (DEMO, 2012).

Admitindo o princípio da simetria, os discursos dissonantes são acolhidos de forma democrática e os conflitos são assumidos de modo a permitir a existência de ontologias múltiplas. Materiais heterogêneos são abordados como atores que se relacionam, constituem alianças e associações que derivam em redes de interação. Esses atores possuem a habilidade intrínseca de fazer as coisas acontecer, movimentar outros atores, sofrer influências e influenciar, sem que exista intencionalidade ou acordo (DEMO, 2012). Não existindo modelo teórico para descrever ou antever o comportamento da rede, sublinha Latour (1993; 2000), é preciso seguir os atores. Assim, os atores e actantes, as mediações, suas práticas e correlações e as desarmonias dos discursos deverão ser considerados.

Na perspectiva deste estudo, tecer a rede das relações constituintes das práticas e discursos que conformam “Memória” e “Patrimônio Cultural” na região do Cariri cearense, a partir de suas perspectivas informacionais, compreende identificar os atores, coletar suas múltiplas vozes e submetê-la a uma reflexão que avalie a pertinência e a adequação ao ‘mundo comum’¹³ das conjecturas que emergem dessa relação. Há que se considerar, contudo que

as cartografias são sempre provisórias, funcionais até o momento em que novas cartografias – portanto, novas paisagens – se imponham. O ofício do cartógrafo envolve, assim, uma implicação nas redes que ele cartografa, um entendimento sem exterioridade de seus movimentos e desvios. Para tanto, lhe é conveniente um equipamento bastante “minimalista” [...] sempre aberto a redefinições (PEDRO, 2008, p. 11-12).

Assim, busca-se reconhecer e descrever o ambiente dos deslocamentos e seu mapeamento, onde humanos e não humanos se conectam e estabelecem mediações, constituindo memórias e patrimônios que traduzem a “cultura local”.

3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: CONCEITOS QUE NOS FUNDAMENTAM

As configurações epistemológicas e conceituais da Ciência da Informação têm focalizado suas reflexões, nos últimos anos, referenciadas a multiplicidade interdisciplinar e a amplitude do seu escopo teórico-conceitual. Podendo ser considerada como uma disciplina¹⁴

¹³ Latour (1993, p. 259), analisa como ‘mundo comum’ “o resultado provisório da unificação progressiva das realidades exteriores”. Compor o *mundo comum* é caminhar na direção de admitir que o mundo é mais do que plural ou diverso, é comum a todos seus habitantes, sejam eles humanos ou não-humanos”. Latour, reflete, com isso, sobre a busca por uma nova visão política epistemológica a partir da constituição de um mundo comum entre humanos e não-humanos.

¹⁴ Segundo Morin (2000), “disciplina” compreende um conhecimento que aspira sua autonomia pela delimitação de suas fronteiras e seu domínio de objetivação, à diferença de outras disciplinas e abordagens, e que

de cunho científico e em constante revisão, a Ciência da Informação, na tentativa de estabelecer-se com outras disciplinas, vivencia “um período de rupturas paradigmáticas e epistemológicas, adotando outras características, a partir das transformações ocorridas no decorrer do século XX” (WERSIG, 1993; PINHEIRO, 1995; LOUREIRO, 1995).

Observa-se nos discursos da Ciência da Informação, sobretudo vinculados às concepções disciplinares com expressivo desempenho técnico, características da ciência tradicional fundamentadas nos moldes do positivismo. Contudo, esclarece Azevedo Netto (1999, p. 135), a “Ciência da Informação vem inter-relacionando os conceitos e princípios teóricos mais diferentes, assumindo um contorno totalmente distinto dos moldes tradicionais de cientificidade, oriundos das concepções positivistas”. Assim, apesar da pluralidade de fatores envolvidos, a área da Ciência da Informação encontra-se em um importante processo de transformações e diálogo com as mais diversas áreas do conhecimento. Deste modo, torna-se necessário, refletir sobre as possibilidades de descentração e deslocamento, transgredindo os padrões centralizados já existentes, caminhando em direção a novos modelos que permitam a ampliação dos seus horizontes epistemológicos.

Buscando compreender os fundamentos da Ciência da Informação, González de Gómez (1990, p. 121) sublinha que este campo se encontra inserido em uma “ampla zona transdisciplinar, com dimensões físicas comunicacionais, cognitivas e sociais ou antropológicas”. Para a autora, a Ciência da Informação tem como objeto as pragmáticas sociais de informação, a meta-informação e suas relações com a informação, cujo objeto estaria constituído por “um conjunto de relações tecidas entre agentes, processos e produções simbólicas e materiais”. Na direção deste pensamento, Loureiro (2000, p. 74) sublinha que a “Ciência da Informação empreende em profundidade a tarefa de repensar os aspectos socioculturais envolvidos no ciclo informacional em sua trajetória entre atores sociais” e demais objetos heterogêneos. Trata-se de uma ciência “plural e inter-relacional quanto à multidimensionalidade dos saberes” (LOUREIRO, 1999, p. 74). Reflexões essas, que possibilitam concebê-la como resultado de múltiplas e heterogêneas interações.

A informação de que trata a área da Ciência da Informação, de acordo com Pinheiro e Loureiro (1995, p. 6), “não está mais confinada à Ciência, portanto, não apenas informação científica, mas de muitas naturezas, tanto quanto a capacidade do homem gerá-la, tendo como nucleador a cultura”. Compreendida como uma totalidade, um conceito fundamental, a cultura é o primeiro momento de construção conceitual da informação, como artefato, ou como

desenvolvem, para isso, uma linguagem própria, metodologias e técnicas específicas, conceitos e teorias.

processo que alimenta as maneiras próprias de ser, conceber e estar em sociedade (MARTELETO, 1995).

Nomear um “objeto difuso e camaleônico” como a informação, expressa Messias (2005, p. 16), requer um acompanhamento recorrente de seus conceitos mais elementares a fim de tornar factível percorrer o universo conceitual da área. O significado do termo muda de acordo com o ambiente em que é utilizado, o tempo histórico, as transformações ideológicas e inúmeros outros fatores. Logo, torna-se indispensável o apoio dos estudos terminológicos e conceituais destinados a mapear e esclarecer os conceitos enraizados no contexto científico.

Na perspectiva da concepção hermenêutica para a Ciência da Informação, Capurro (2003) reflete sobre uma concepção desenvolvida a partir da “compreensão de um ser no mundo em relação aos outros”, contestando a virada cognitivista que “pressuponha uma relação entre os seres, destituída de significados, com a virada pragmática, na qual a informação é apreendida no nosso modo de interagir com o mundo” (RENAULT; MARTINS, 2007, p. 138), apontando, assim, para uma perspectiva social, para uma compreensão das relações humanas e não humanas, sugerindo uma relação dialógica de interação social.

Neste contexto, analisamos o conceito de informação na percepção de Buckland (1991) que é, em si mesmo, conflitante, múltiplo e empregado de diferentes formas, o que é irônico, uma vez que tem a ver com tornar informado e com a diminuição das incertezas. Deste modo, o autor destaca os principais usos do termo informação: 1) informação como processo: corresponde ao ato de informar; quando alguém é informado, o que se sabe é transformado, havendo uma mudança de mentalidade. Nesta perspectiva “informação é o que é capaz de transformar estruturas” (BELKIN; ROBERTSON, 1976, p. 178); 2) Informação como conhecimento: compreende o conhecimento comunicado a respeito de algo; significa informação como processo; 3) Informação como coisa: usada para designar objetos, assim como dados e documentos, porque são considerados artefatos permeados de informação. Indo ao encontro desta discussão, Latour (2005) amplia a percepção do terceiro conceito, tomando por base, a noção de “coisa”, advinda de Heidegger (1971), para ele, quando representamos uma coisa como objeto separado ou veículo vazio, a aniquilamos, rebaixamos de coisa susceptível à investigação para algo sem denotação alguma, um mero objeto. De acordo com Latour (2005), no cenário das relações em rede, objetos, tecnologias, pessoas, animais e textos são considerados como partícipes atuando juntamente com grupos e instituições na constituição do mundo a nossa volta, numa conjuntura colaborativa. Latour (2013, p. 11) aponta, ainda, que a tensão é uma das propriedades da rede, juntamente com o fluxo, a velocidade e a intensidade. É apenas quando seguimos os traços da circulação de informação,

cruzamos a distinção usual entre os signos e a realidade: “viajamos não apenas no mundo, mas também nas diferentes matérias de expressão”.

É a partir das redes que as conexões são constituídas, e tornam-se responsáveis pelo intercâmbio de opiniões, valores e conceitos diversos. Como destaca Elias (1994, p. 35), “as redes estão em constante movimento, como um tecer e destecer ininterruptos das ligações”. Neste cenário, a noção de rede vem se consolidando, e se constituindo enquanto um espaço de troca e disseminação da informação, dando um novo foco as redes sociais de informação, onde os sujeitos se desenvolvem e as relações com o tempo e o espaço se transformam e se expandem.

Nesta perspectiva, a leitura antropológica da informação, conforme Marteleto (1995, p. 7), seu processo de construção como objeto só se complementa, quando se levam em conta, concretamente, tanto as estruturas materiais e simbólicas de um dado universo cultural (objetos), quanto às relações, práticas e representações dos sujeitos cada vez mais mediadas por um modo informacional e competente de ser e estar em sociedade, estas, por sua vez, influenciadas diretamente por esses objetos. Informação diz respeito não apenas ao modo de relação dos sujeitos com a realidade, mas também aos artefatos criados pelas relações e práticas sociais. Fenômeno de complexa configuração ou previsão, seja ela entendida como processo ou produto, é sempre uma “probabilidade de sentido” (MARTELETO, 1995, p. 2). Segundo a autora, é de suma importância que o pesquisador, ao analisar as práticas informacionais em uma sociedade como a nossa, lembrar que ela está, como outras, constituída de sentidos e significados vários, susceptível a conflitos, influências e percepções variáveis.

Analisar as questões informacionais da contemporaneidade é considerado um desafio exposto, de forma fundamental, pelos mais abrangentes usos e conceitos que podem ser associados ao termo informação. Contudo, embora esteja intensamente presente em todos os contextos da sociedade, no cenário das relações humanas e não humanas, pouco se compreende sobre informação. Em determinadas conjunturas, compreendida como fenômeno, em outras, como processo. O que ocorre é que a informação se mostra como um conceito impossível de ser apreendido na totalidade, pois vai além de qualquer tentativa de compreensão genérica que, frequentemente, produz uma complexidade de enfoques e decompõe o conhecimento que se obteria a partir do fenômeno da informação.

Entretanto, Latour (2013), se aproxima da noção de informação sob a qual pretendemos desenvolver este estudo, quando reflete que a informação permite limitar-se à forma, sem o embaraço da matéria. Ou seja,

informação não é uma “forma” no sentido platônico do termo, e sim uma relação muito prática e muito material entre dois lugares, o primeiro dos quais negocia o que deve retirar do segundo, a fim de mantê-lo sob sua vista e agir à distância sobre ele. Em função, [por exemplo], do progresso das ciências, da frequência das viagens, da fidelidade dos desenhistas, da amplitude das taxionomias, do tamanho das coleções, da riqueza dos colecionadores, da potência dos instrumentos, poder-se-á retirar mais ou menos matéria e carregar com mais ou menos informações veículos de maior ou menor confiabilidade. [...] A informação não é inicialmente um signo, e sim o “carregamento”, em inscrições cada vez mais móveis e cada vez mais fiéis, de um maior número de matérias. [...] Impossível compreendê-la sem se interessar pelas instituições que permitem o estabelecimento dessas relações de dominação, e sem os veículos materiais que permitem o transporte e o carregamento (LATOUR, 2013, p. 3-4).

Para Latour (2013), a informação não é um signo, mas, uma relação fundada entre dois espaços, o primeiro, chamado de periferia e, o segundo, que se constitui um centro, com a condição de que entre os dois seja circundado por um veículo que designamos, muitas vezes, de forma, mas que, por conta de seu aspecto material, o chama de inscrição. Parente (2004), seguindo este pensamento, acrescenta que é impossível compreender as redes sem reconhecer as instituições, os veículos materiais e os atores que intermediam a relação entre periferia e centro das redes. Compreendida como entidade eminentemente relacional, intensamente imersa na rede de conexões, característica da atividade científica, “a informação, dá forma ao perpétuo movimento entre o mundo exterior – as periferias – e as instituições e indivíduos privilegiados que se encontram reunidos em alguns pontos da rede, onde se constituem os centros” (ODDONE, 2007, p. 20).

A informação percorre múltiplos espaços. Espaços tangíveis intangíveis, de materialidade e de subjetividade. Interno e exterior ao homem, sendo esta a propriedade que a torna mais inquietante no cenário científico, juntamente com a dificuldade em apreendê-la ou dissociá-la totalmente em qualquer conjuntura, tendo em vista a sua abrangência. Considerando, a priori, que o objeto de estudo da Ciência da Informação é a informação, assim, pode ser produzida a partir das relações humanas e não humanas, relativas a qualquer objeto pertencente ao mundo material, visto que são “porta-vozes” de simbologias e significados que produzem informações. E essas relações são concretizadas por meio das interações constituídas entre o humano, o objeto e o espaço, cenário de construções e de conexões. Deste modo, a Ciência da Informação estabelece novas visões a velhos conceitos, conduzindo, assim, à reconstrução dos mesmos.

4 MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO CULTURAL: CONCEITOS E RELAÇÕES

Compreendendo o patrimônio, em síntese, como a expressão de determinada referência cultural e a sua transformação em bem cultural a partir das memórias constituídas nos mais diversos contextos, partimos do pressuposto de que compreensão das relações entre memória social e patrimônio cultural é essencial, porquanto sua representação, salvaguarda e valorização estão alicerçadas na construção de memórias em determinados espaços, ao longo do tempo, no seio da sociedade, podendo assim, ser modificado pelo meio, se considerarmos o conjunto social, cultural e simbólico, peculiar a cada comunidade. Deste modo, a memória se compõe uma categoria fundamental para complementar as discussões acerca do patrimônio cultural.

A noção de patrimônio cultural nem sempre foi bem aceita como forma de agregar todos os domínios da sociedade, pois, suas raízes encontram base no caráter nacionalista e elitista. Sob este ponto de vista, o patrimônio está associado à memória das minorias, ao prestígio dos reis e heróis registrados pela história oficial. Porém, optamos por adotar a concepção de que o patrimônio atua como elo entre o passado e o presente, exercendo, como função simbólica, a representação de memórias, não somente das classes dominantes, como de toda a sociedade, podendo ser analisado enquanto forma de apropriação e significação do espaço.

As percepções acerca da memória social e do patrimônio cultural desdobram-se em inúmeras conceituações componentes de um quadro de significados dispersos que encontram seus modos de expressão em atitudes, interações, intervenções, formas simbólicas, objetos, dentre outros. Assim, memória e patrimônio são produtos construídos e/ou inventados, acumulados, documentados e comunicados a partir das relações e experiências no interior dos coletivos humanos. Os diferentes coletivos humanos resignificam e, por conseguinte, transformam, permanentemente no tempo e no espaço a conjugação memória social/patrimônio cultural a partir de contextos sociais específicos onde interagem humanos e não humanos. Esse ponto de vista nos permite relacionar seres humanos, agentes, máquinas e organizações em uma relação de interação no interior desta conjugação, objetivando a compreensão de sua concepção. Na direção desta percepção proposta por Latour (2013), os híbridos não se instituem sobre a negação do passado e o que lhe confere condição de existência são os múltiplos tempos que nele permaneceriam. Ou seja, diversas faces, variadas possibilidades e encontros. E, talvez, como analisa Evres (2002, p. 65-66), este seja também um caminho para que se pense não uma “memória-verdade” legitimada pelos objetos, sejam objetos da natureza ou da cultura, mas uma memória que admita o risco e fragilidade, uma memória multifacetada. Assim, “muito mais do que procurar por uma contextualização entre

sujeito, objeto sociedade, natureza e memória, participariam simetricamente da relação e seriam constituídos a partir dela”.

Podemos observar que, geralmente, o patrimônio cultural é apreendido enquanto referência do passado, uma memória do que ficou como herança, simplesmente para ser contemplado. No entanto, o patrimônio cultural, também, deve ser percebido como uma construção no presente, isso porque não podemos entender o presente, nem tampouco pensar o futuro, sem olhar para o passado, para a memória social que se constitui condição básica para se refletir as mudanças necessárias no contexto da sociedade. Porque é afetiva e mágica, a memória, segundo Nora (1993), não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções.

É por meio da apreensão do patrimônio cultural, como testemunha e basilar nas mudanças e não na sua permanência estática nas sociedades, é através de uma conjuntura dinâmica a qual se conferem valores, não só materiais, mas, sobretudo, imateriais, ambos com uma considerável carga de expressão simbólica, que o patrimônio cultural deve ser entendido, sob uma ampla perspectiva acerca dos usos e apropriações das memórias sociais no seio da sociedade.

Essas memórias consideradas enquanto uma construção a partir das relações, valores e experiências vividas, mas que sofre transformações à medida que o tempo passa e a história toma um novo rumo. Deste modo, podemos compreender que a memória social não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma combinação de construções sociais, com fatores significantes da vida social do presente, sendo permanentemente reconstruída (MORIGI; ROCHA; SEMENSATTO, 2012). Essa memória, constantemente modificada e ressignificada, permite a continuidade dos espaços como referentes e significantes, materiais e simbólicos, funcionais e evocativos.

Olick e Robbins (1998) refletem que as abordagens sobre memória social representam uma rubrica geral de investigação tendo como enfoque a análise das diferentes formas pelas quais somos conduzidos pelo passado, consciente ou inconscientemente, de modo material ou simbólico, consensual ou conflitual. Contudo, é importante destacar que a “memória exige uma reflexão sobre processos sociais envolvidos, anunciados ou experimentados na manifestação, persistência e transformações da prática social e dos conteúdos culturais expressos por segmentos sociais numa conjuntura” (MORAES, 2000, p. 99). Davallon (2007, p. 25), neste sentido, complementa que “há necessidade de que o acontecimento lembrado

reencontre sua vivacidade; e, sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade”.

Nesta perspectiva, percebemos a memória social como componente essencial na constituição do patrimônio cultural. Assim, as memórias ao serem deslocadas para o espaço mítico das tradições e manifestações podem descortinar um caminho para o entendimento de um processo de construção sociocultural que, certamente, subsidia a conservação dessas memórias.

Todavia, considerar como essencial a descrição dos fenômenos de memória social para a construção do patrimônio cultural, compreendendo os seus aspectos informacionais, adotando as relações entre humanos e não humanos e a sua apreensão como agentes interatuantes no âmbito social, provê leituras heterodoxas que permitem perceber novos significados e sentidos. Tomando por base a possibilidade “metodológica” da ANT, será possível a apreensão das relações sociais dinâmicas, plurais e mutáveis da memória social e do patrimônio cultural como uma força ativa e latente, oculta e invasora, construída no âmbito das relações sociais, ao mesmo tempo em que pode ser também, desconstruído no mesmo cenário, múltiplo e indeterminado. Esta amplitude, ao se interligar ao passado, traz uma nova perspectiva para o presente e para o futuro, influenciada pelos componentes da rede em que atores e actantes se relacionam e interagem. Uma mediação na qual, como reflete Latour (1995), todos os elementos envolvidos na relação estariam dotados de historicidade, de forma que garantissem atualidade, possibilidade e reciprocidade da relação. Portanto,

[...] cada pessoa singular está realmente "presa"; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis ou tangíveis [...]. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais e decerto não menos fortes [...] (ELIAS, 1994, p. 23).

Ao considerar a sociedade como uma complexa rede social constituída a partir da interseção e da articulação dos coletivos, Elias (1994) apontava para os fenômenos reticulares que derivam do múltiplo entrelaçamento das ações individuais. Esses fenômenos se caracterizariam pela contínua formação e transformação de ideias e atitudes, em um processo dinâmico, em que o social é incessantemente modificado por movimentos e intercâmbio. Assim, a configuração das redes revela-se em constante mutação, pois à medida que os sujeitos, por força de sua interdependência, alteram suas posições relativas, a partir da interferência de outros componentes, a sociedade também vê alterados seus contornos (ODDONE, 2007).

A sociedade humana é percebida como uma entidade instável, formada por arranjo de redes heterogêneas, onde nada é fixo ou irreversível. Sua existência deve-se ao agenciamento de relações entre os elementos que a constituem e os atores que a integram e são constituídos pelas relações que estabelecem. Apesar da multiplicidade de fatores e conceitos envolvidos, as questões polêmicas trazidas pelas diversas abordagens, configuram-se fundamentais para a construção de novos olhares sobre o conceito e as relações entre memória e patrimônio, superando os discursos ideológicos que envolvem as discussões neste âmbito.

Entretanto, apesar da diversidade de elementos envolvidos em torno da noção de memória e patrimônio, a questão da cultura apresenta-se como elemento essencial para a sua compreensão. A partir da percepção sobre cultura, é possível compreender que memória e patrimônio nos possibilitam leituras distintas, pois nos direcionam a um leque de elementos que podem ser analisados a partir do olhar sobre o que o espaço produz, especificamente, considerando o campo de pesquisa, um olhar sobre a região do Cariri cearense, como um espaço de lutas, de poder e de resistências, mas também, um espaço de pluralidades culturais, políticas, étnicas, religiosas e sociais, representativo do patrimônio desta região, percebido como um espaço de redescobertas, de construções e desconstruções sócio-históricas.

No contexto da região do Cariri, o patrimônio, aponta para uma atribuição de valor cultural que se alteram ao longo do tempo, para uma diversidade regional, religiosa, étnica, entre outras, em que permanece a dimensão simbólica e onde atores e actantes se afetam mutuamente, constituem memórias e são compreendidos em seus diferentes modos de expressão e atuação, gerando os conflitos, as contradições e transformações que a própria realidade expressa, no entanto, os registros oficiais persistem em “esquecer”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de entendimento da constituição do social a partir da heterogeneidade e da constituição de redes na quais interagem igualmente humanos e não humanos, contraria frontalmente as perspectivas das análises e interpretações positivistas sobre a ideia de memória e patrimônio. Desta forma, apesar da multiplicidade de fatores e conceitos envolvidos, as questões polêmicas trazidas por esta abordagem configuram-se fundamentais para a formação de novos olhares sobre a construção social da memória e do patrimônio cultural no âmbito da Ciência da Informação.

A memória social constitui-se a partir de informações oriundas das teias de relações inerentes às ações intersubjetivas no interior do social encontrando-se sob mudanças, fluxos e variações permanentes, como consequência das diferentes disputas na interpretação e apropriação do passado a partir dos interesses da atualidade, situados nas mais diversas redes de relações, constituindo-se patrimônio cultural.

Nesta dinâmica, compreendemos que a memória não é algo estacionado no tempo passado, mas nos permite trazer à tona fatos passados e reconstruí-los, de forma a trazer novos significados e fazer sentido no presente no seio das relações sociais, que envolvem humanos e não humanos.

No contexto da Região do Cariri cearense, palco de diversas manifestações artísticas, tradições religiosas e manifestações culturais diversas, as representações do patrimônio, da memória e identidade cultural local, primam pela heterogeneidade e singularidade compreendendo um universo sociocultural no qual informação, memória e patrimônio interpenetram-se e se inter-relacionam.

Na perspectiva desta pesquisa, tecer a rede das relações constituintes das práticas e discursos que conformam “Memória” e “Patrimônio Cultural” na região do Cariri cearense, a partir de suas perspectivas informacionais, compreende identificar os atores que constituem as redes e coletar suas múltiplas vozes, desenvolvendo uma cartografia que revele os indícios e identifique os mediadores no contexto das relações humanos/não humanos, apresentá-la a uma reflexão que avalie a pertinência e a adequação ao ‘mundo comum’¹⁵ das conjecturas que emergem dessas relações, apontando para o reconhecimento e descrição do ambiente dos deslocamentos e seu mapeamento, onde humanos e não-humanos se conectam e estabelecem mediações, constituindo memórias e patrimônios que traduzem a “cultura local”. Assim, os atores e actantes, as mediações, suas práticas e correlações e as desarmonias dos discursos deverão ser considerados. Essas etapas constituem os próximos passos desta pesquisa, sendo discutidas e planejadas serão encaminhadas, a fim de atingirmos os objetivos propostos.

Considerando estes aspectos, entende-se a pertinência deste estudo, porquanto memória e patrimônio poderão ser compreendidos como uma construção realizada sobre inúmeras resistências políticas, sociais e, até mesmo, individuais nos espaços constituídos no interior das relações, constituindo possibilidades de transformação e construção de identidades.

¹⁵Latour (1993, p. 259), analisa como ‘mundo comum’ “o resultado provisório da unificação progressiva das realidades exteriores”. Compor o *mundo comum* é caminhar na direção de admitir que o mundo é mais do que plural ou diverso, é comum a todos seus habitantes, sejam eles humanos ou não-humanos”. Latour, reflete, com isso, sobre a busca por uma nova visão política epistemológica a partir da constituição de um mundo comum entre humanos e não-humanos.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO NETTO, C. X. Uma face da Ciência da Informação. In: PINHEIRO, L. V. R. (Org.). **Ciência da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999. p. 133-141.
- BELKIN, N. J.; ROBERTSON, S. E. Information science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, [s. l.], v. 27, n. 4, p. 197-204, jul./ago. 1976. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.4630270402/epdf>>. Acesso em: 12 fev. 2016.
- BLOOMFIELD, B. P; VURDUBAKIS, T. The outer limits: monsters, actor networks and the writing of displacement. **Organization**, [s. l.], v. 6, n. 4, 1999.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, Nova Iorque, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <[http://skat.ihmc.us/rid=1KR7VC4CQ-SLX5RG-5T39/BUCKLAND\(1991\)-informationasthing.pdf](http://skat.ihmc.us/rid=1KR7VC4CQ-SLX5RG-5T39/BUCKLAND(1991)-informationasthing.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2016.
- CALLON, M. Actor-network theory: the market test. In: LAW, J.; HASSAD, J. **Actor network theory and after**. New York: Willey-Blackwell, 1999.
- CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Escola de Ciência da informação, UFMG, 2003.
- CORTEZ, A. I. R. P.; CORTEZ, A. S. R. P.; IRFFI, G. Atividades econômicas e trabalho escravo no sul do Ceará: uma análise da segunda metade do século XIX. In: ENCONTRO ECONOMIA DO CEARÁ EM DEBATE, 7., 2011. Fortaleza, CE. **Anais...** Fortaleza, CE, 2011.
- DAVALLON, J. A imagem, uma arte da memória? In: ACHARD, P.; NUNES, J.H. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.
- DEMO, P. **Ciência rebelde: para continuar aprendendo, cumpre desestruturar-se**. São Paulo: Atlas, 2012.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- EVRES, A. C. L. B. Patrimônio e memória: uma visão da ideia de natureza no espaço museológico. In: COSTA, I. T. M.; ORRICO, E. G. D. **Memória, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 56-67.
- GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N.. O objeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 117-122, jul./dez. 1990.
- GONZALES, Z. K.; BAUM, C. Desdobrando a Teoria Ator-Rede: reagregando o social no trabalho de Bruno Latour. **Polis e Psique**, [s. l.], v. 3, n. 1, 2013. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/36550/26493>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

HEIDEGGER, M. The thing. In: _____. **Poetry, language, thought**. New York: Harper & Row, 1971. p. 163-186.

LATOUR, B. A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP. EDUSC, 2001.

_____. An Interview with B. Latour. In: CRAWFORD, T. H. **Configurations**. The John Hopkins University Press, 1993.

_____. **Aramis, or the love of technology**. Cambridge: Mass MIT Press, 1996.

_____. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. Os objetos têm história? Encontro de Pasteur com Whitehead num banho de ácido láctico. **História, ciências e saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 11, p. 7-26, mar./jun. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701995000200002>. Acesso em: 14 dez. 2015.

_____. **Reassembling the social**: an introduction to actor-network-theory. Oxford: Oxford University Press, 2005.

_____. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTE, A. (Org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1997.

LAW, J. **Actor network theory and material semiotics**. Lancaster: Centre for Science Studies University, 2007. Disponível em: <<http://www.heterogeneities.net/publications/Law-ANTandMaterialSemiotics.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

_____. After ANT: complexity, naming and topology. In: LAW, J.; HASSARD, J. **Actor-network theory and after**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999. Disponível em: <<https://www.zotero.org/groups/sts/items/itemKey/2RG747A3>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

_____. **After method**: mess in social science research. London: Routledge, 2002.

_____. Notes on the theory of the actor-networking: ordering, strategy and heterogeneity. **Systems Practice**, [s. l.], v. 5, n. 3, 1992. Disponível em: <<http://m.heterogeneities.net/publications/Law1992NotesOnTheTheoryOfTheActorNetwork.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

_____. Traduction/trahison: notes on ANT. **Convergencia**: Rev. de Ciencias Sociales, [s. l.], n. 42, set./dez. 2006, p. 47-72. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/105/10504204.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

MARTELETO, R. M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 24, n. 1, 1995.

MOL, A. A política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. In: NUNES, J.; ROQUE, R. (Orgs.). **Objetos impuros**: experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2007. p. 63-78.

MORAES, N. A. Memória e mundialização: algumas considerações. In: LEMOS, M. T. T. B.; MORAES, N. A. (Orgs.). **Memória, identidade e representação**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

MORIGI, V. J.; ROCHA, C. P. V.; SEMENSATTO, S. Memória, representações sociais e cultura imaterial. **Morpheus**; Revista Eletrônica em Ciências Humanas, [s. l.], Ano 9, n. 14, 2012.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2. ed. São Paulo: Cortez: Brasília: UNESCO, 2000. p. 47-115.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez.1993. Disponível em:

<<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/136/134>>.

Acesso em: 03 jul. 2015.

ODDONE, N. Revisitando a “epistemologia social”: esboço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual. **Ci. Inf.**, [s. l.], v.36, n.1, Brasília Jan./Abr. 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652007000100008&script=sci_arttext&tlng=>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

OLICK, J. K.; ROBBINS, J. Estudo da memória social: para uma “memória coletiva” e história sociológica da "memória prática". **Annual Review of sociology**, n. 24, p. 105-140, 1998.

PEDRO, R. M. L. R. Tecnologias de vigilância: um estudo psicossocial a partir da análise de controvérsias. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 29., 2005, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG, 2005.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, jan./abr. 1995.

REED, M. I. In praise of duality and dualism: rethinking agency and structure in organizational analysis. **Organization Studies**, [s. l.], v.18, n.1, 1997. Acesso em: 27 nov. 2015.

RENAULT, L. V.; MARTINS, R. O retrato da Ciência da Informação: uma análise de seus fundamentos sociais. **Revista Eletrônica de Ciência da Informação**, [s. l.], n. 23, semana, 1. 2007.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1987.

SILVA, P. A. O. **História da escravidão no Ceará: das origens à extinção**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.

STAR, S. L. Power, technologies and the phenomenology of conventions: on being allergic to onions. In: LAW, J. A sociology of monsters? Essays on power, technology and domination. **Sociological Review Monograph**, London, n. 38, 1991. Disponível em: <[https://learnit.itu.dk/pluginfile.php/95082/mod_folder/content/0/Star_Susan_Leigh_Power_Technology_and_the_Phenomenology_of_Conventions_On_being_allergic_to_onions_\(Sociology_of_Monsters_ch1\).pdf?forcedownload=1](https://learnit.itu.dk/pluginfile.php/95082/mod_folder/content/0/Star_Susan_Leigh_Power_Technology_and_the_Phenomenology_of_Conventions_On_being_allergic_to_onions_(Sociology_of_Monsters_ch1).pdf?forcedownload=1)>. Acesso em: 22 jan. 2016.

WERSIG, G. Ciência da informação: o estudo do conhecimento na pós-modernidade. **Information Processing & Management**, [s. l.], v. 29, p. 229-239, 1993.